



## **ECONOMIA NORTE FLUMINENSE E UMA NOVA DINÂMICA GLOBAL: breve análise da globalização e do desenvolvimento regional.**

**Guilherme Vasconcelos Pereira**

Universidade Federal Fluminense, email: [g\\_vasconcelospereira@hotmail.com](mailto:g_vasconcelospereira@hotmail.com)

### **1 – INTRODUÇÃO**

Desde décadas passadas, com ênfase a partir da década de 1990, quando se insere neste cenário a liberalização, desregulamentação financeira e a abertura dos mercados na América Latina. O debate sobre desenvolvimento, vem incorporando a temática da globalização e as escalas como fatores decisivos nas ações, tanto de agentes públicos como privados. Nesse sentido essa nova tendência se configura como base dos projetos políticos nacionais para o Desenvolvimento.

A nova dinâmica econômica apresenta uma característica importante, que modifica a relação não só entre o Estado e o mercado, mas transforma a relação entre as regiões e o próprio Estado nacional. Com isso o caso do interior do Estado do Rio de Janeiro, mais precisamente o Norte Fluminense, mostra-se emblemático, pois, na região em questão encontra-se essa influência materializada nos “Grandes Empreendimentos” com o Complexo Logístico Industrial e Portuário do Açú, no município de São João da Barra, e as já consolidadas, instalação da Petrobras e demais empresas que compõe a base para a realização da exploração do petróleo, em Macaé.

### **2 – OBJETIVOS**

Esse trabalho se propõe a investigar como o processo de globalização realiza suas influências na região Norte Fluminense quando se busca o desenvolvimento regional. Tendo em vista as transformações ocorridas no cenário econômico, liberalização e desregulamentação financeira, além de abertura externa, iniciada nos anos 1990, o Brasil se aprofunda em uma inserção numa dinâmica "global".

### **3 – METODOLOGIA**



A pesquisa utilizara uma abordagem qualitativa, nesse sentido envolve trabalho de gabinete afim de realizar revisão bibliográfica pertinente aos temas Globalização, Desenvolvimento, e Desenvolvimento Regional. Além disso o trabalho contara com uma análise de dados pertinente a estrutura produtiva da região Norte Fluminense.

#### 4 - RESULTADOS PRELIMINARES

O desenvolvimento, em outros termos também pode ser entendido como herança da ideologia eurocentrista, apresentando-o como um processo evolucionista. Lowy (1998), destaca dessa forma a contribuição de Leon Trotsky ao entendimento do processo de desenvolvimento. À luz da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, tenta-se compreender como o processo de Desenvolvimento afeta de maneira distinta os países. O desenvolvimento desigual e combinado é apresentado como reflexo do imperialismo e resultado da expansão mundial do capital, Trotsky seria o pioneiro na identificação da existência de um sistema mundial interligado pelo capitalismo. Assim, de acordo com o autor, a expansão do capital dentro de um sistema mundial, cria descontinuidades, dependendo do país onde o capital se insere. Por exemplo, um país menos desenvolvido se torna obrigado a adotar avanços que não correspondentes à sua estrutura de organização econômica, política e social, gerando limitações, por isso desigual.

Já a Globalização tratada no presente trabalho, por outro lado é exposta de maneiras distintas, mas, quando trabalhadas juntas podem servir como parâmetro para a compreensão da maneira na qual, esse processo interfere diretamente a promoção do Desenvolvimento. Milton Santos (1999) apresenta as transformações no “conjunto das funções” da sociedade, ou seja, no modo como esta se dispõe. Deste ponto de vista, expõe de forma mais consistente a relação que há entre a disponibilidade de capital e os modos de produção que existem nos lugares, ou seja, apresenta aspectos da divisão do trabalho em um novo cenário, transformado pela alteração na capacidade técnica, como a evolução da computação, neste sentido segue a exposição do autor,

Quando a sociedade muda, o conjunto de suas funções muda em quantidade e em qualidade. Tais funções se realizam onde as condições de instalação se apresentam como melhores. Mas essas áreas geográficas de realização concreta da totalidade



social têm papel exclusivamente funcional, enquanto as mudanças são globais e estruturais e abrangem a sociedade total, isto é, o Mundo, ou a formação Socioeconômica. (SANTOS,1999, p.116)

Sendo assim o autor apresenta o efeito da divisão do trabalho no espaço, como uma “distribuição da atividade”, a técnica, segundo o autor, é o fator que capacita o lugar, determinando assim a sua posição em determinado espaço, a seguir,

Assim, os lugares reproduzem o País e o Mundo segundo uma ordem. É essa ordem unitária que cria a diversidade, pois as determinações do todo se dão de formas diferente, quantitativa e qualitativamente, para cada lugar. Trata-se de uma evolução diacrônica, consagrando mudanças não homólogas do valor relativo de cada variável. O desenvolvimento desigual e combinado é, pois, uma ordem, cuja inteligência é apenas possível mediante o processo de totalização, isto é o processo de transformação de uma totalidade em outra totalidade. (SANTOS, 1999, p.125)

A caracterização do lugar como dependente da divisão do trabalho, se torna atrelada as finanças, para Santos (1999), é a circulação do dinheiro, como formas de acesso (como, por exemplo, crédito, cheque, debêntures, moeda estrangeira, ações, notas promissórias e outras), que determinam a possibilidade de ação no lugar. Assim os bancos e outras instituições se tornam “importante fator geográfico”, pois podem intervir diretamente na divisão do trabalho.

Como afirma Santos (1999), a divisão territorial do trabalho cria uma verticalização entre os lugares, determinadas pela posição hierárquica da produção, sendo assim cria-se uma “distribuição espacial” capaz de reconfigurar a capacidade de ação dos atores locais. A própria divisão do trabalho para o autor é conflituosa, porém tendo em vista esse cenário, Santos (1999), alerta para a disputa entre o Estado e o mercado, sendo o Estado apresentado em diversas escalas do poder, e o mercado representado por diversos interesses e segmento produtivos diferentes.

Entre esses conflitos alguns são mais relevantes, o primeiro é a disputa entre o Estado e o mercado. Mas não podemos nos referir a essas duas entidades como se fossem um dado maciço. Dentro dos mercados, as diversas empresas segundo a sua força e segundo os respectivos processos produtivos, induzem a uma divisão do trabalho que corresponde ao seu próprio interesse. E as diversas escalas de poder público também concorrem por uma organização do território adaptada às prerrogativas de cada um. As modalidades de exercício da



política do poder público e da política adas empresas têm fundamento na divisão territorial do trabalho e buscam modifica-las à sua imagem. (Santos, 1999, p.135)

É importante recordar a importância para Santos (1999), da computação que modifica o tempo na divisão do trabalho, a computação e a técnica promoveram uma alteração tornando o “Tempo do Mundo” , com isso para o autor criam-se tempos distintos, um deles determinado pelo tempo das empresas multinacionais e das instituições supranacionais, o tempo dos Estados-Nacionais, que resulta do tempo das grandes empresas nacionais que tem influência expandida a todo o território dos países, e ainda surgem os tempos dos subespaços nacionais, formados pelas regiões e lugares, determinados pelas empresas de porte menor lá instaladas.

Dessa forma pode-se trazer a forma como Manoel Castells expõe a problemática da Globalização, e com ela, as demandas que impostas aos Estados-nacionais, como elucidada Castells(1998), “En otras palabras, los estados, todos los estados, tienen que navegar en el sistema financiero global y adaptar sus politicas, en primer lugar, a las exigencias y coyunturas de dicho sistema.” (CASTELLS, 1998, p.3)

De acordo com o autor, o resultado desse processo é uma possível perda de poder dos Estados nacionais, reflexo da transformação da força dos mercados, passando a orientar a economia, como descrito a seguir,

Ahora bien, cuando los estados nacion se convierten en agentes estrategicos, interviniendo y negociando en estas redes globales pierden capacidad de representacion y de respuesta a las demandas de sus ciudadanos. Para satisfacer el imperativo de las demandas globales tienen, con cada vez mas frecuencia, que sacrificar las demandas locales. En la ultima decada, los gobiernos, en todos los paises, han exigido de sus ciudadanos esfuerzo, austeridad y sacrificio, en aras de una manana mejor. Pero como la inmensa mayoria de ciudadanos no tienen medios para participar seriamente en las complejas negociaciones y tomas de decision, y como la burocracia, la corrupcion y la manipulacion informativa siguen caracterizando buena parte de la accion de gobierno, y puesto que las desigualdades sociales se acentuan, por lo que la austeridad no es para todos, los ciudadanos desconfian cada vez mas de sus gobiernos. El estado nacion parece atrapado entre las exigencias contradictorias de la operativad global y la legitimidad nacional.(CASTELLS, 1998, p.9)

Castells (1998) então, apresenta uma nova forma de organização do Estado, reflexo necessário uma forma de gestão, uma estancia que não pode mais ser nacional,



ao fazer isso o estado perde legitimidade, para o autor a melhor forma de Estado possível seria então o Estado em rede, que dentre outras coisas busca compartilhar a responsabilidade de gerir e tomar as decisões em diferentes tipos de instituições,

Pero, en ultimo termino, todos los nodos son necesarios para la existencia de la red. Asi, el estado-nacion, se articula cotidianamente en la toma de decisiones con instituciones supra-nacionales de distinto tipo y en distintos ambitos (como son, en la Union Europea, la Comision Europea,. el Parlamento europeo, el Tribunal Europeo, el consejo de presidentes de gobierno y jefes de estado, los comites de ministros, las instituciones de cooperacion en materia de defensa – que desbordan la Union Europea etc.). Pero, como he subrayado anteriormente, tambien funcionan en red, en esa misma red, instituciones regionales y locales.(CASTELLS,1998, p.10)

Nesse cenário de Redes é importante ressaltar que existem várias estâncias de regulação, nesse sentido podemos compreender o conceito de escalas de atuação, como apresentam Swigedown (1997) e Vainer (2002), os autores abordam a forma de interação entre essas estancias e os conflitos que resultam da atuação entre as escalas. Para Swigedown (1997) as articulações políticas e econômicas são como uma geografia das relações. Que se estabelecem e se consolidam, mas, que se descaracterizam por causa das mudanças produtivas. Assim como Vainer (2002) apresenta, as escalas não são meras representações se tornam a espacialidade das relações, com isso surge no debate político o conflito entre o local e o global,

Hoje vemos o debate ser denominado pelo par local x global, com uma participação menos marcante dos que enfatizam a escala nacional ou, mesmo, regional...Como no início do século, o embate gira em torno a uma mesma pergunta qual a escala pertinente (ou prioritária), seja para a análise econômica e social, seja para a ação política eficaz. (VAINER, 2002, p.141)

A política aparentemente tem escalas dentro da economia, a guerra das associações, a direção relacional entre o econômico e o político, são reflexos das estancias que participam dos processos e ao interagir umas podem reconfigurar o local e as escalas. Como o autor expõe a seguir,

As sociospatial relationships (norms, habits, attitudes) change and, thereby, transform and often trasnsgress estabilhesd norms and routines, the scale of their regulation also tends to change. Change regulatory forms therefore, imply altering sociospatial relations and, consequently, the scale at wich they operate. (SWYGEDOUW ,1997, p.147)



Sendo assim, o autor apresenta uma nova abordagem para definir essa interação, partindo da rejeição do conceito “global” e “local” e adotando uma abordagem que valoriza a relação das escalas na produção socioespacial. (SWIGEDOWN, 1997). A rejeição do conceito de “global” e “local” pode ser vista como uma interpretação de que os processos quase sempre se espalham por diferentes escalas, sendo assim, o que importa no entendimento das escalas é que os processos ocorridos em uma determinada escala, geram efeitos em diferentes escalas, dificilmente os processos são uniescalares, mas de fato as ações podem superar diversas escalas, como afirma Vainer,

O entendimento de que os processos econômicos, políticos, sociais, culturais têm dimensões escalares não de conduzir à reificação das escalas, como se estas antecedessem e contivessem (como um receptáculo) os processos. O que temos são processos com suas dimensões escalares, quase sempre transescalares (haverá ainda hoje algum processo social relevante cuja compreensão e modificação seja possível através de uma análise ou intervenção uniescalar? (VAINER, p.146)

Portanto, o conceito de escalas apresenta a ideia de que as tomadas de ação, que visam atingir um lugar ou uma região, ou são induzidas por perspectivas maiores como um projeto nacional, ou partem da região para atingir uma outra escala, nesse sentido é importante ressaltar como o objetivo de alcançar o desenvolvimento de uma nação, por exemplo, está sujeito a um conjunto complexo de escalas de ação que podem ser independentes da finalidade causal requerida pelo Estado.

Como visto anteriormente a globalização e as novas formas de atuação, como as escalas, mudaram o panorama de decisões dos Estados nacionais, isso, gera uma alteração na forma como os países prospectam e agem em prol do desenvolvimento, autores como Kay (2009) e Brandão (2014) expõe essa realidade para o Brasil e América Latina, a seguir temos a forma na qual Brandão apresenta esta ideia,

Os países maiores tiveram mais sucesso na industrialização e no desenvolvimento de estruturas econômicas mais complexas; eles têm um pouco mais de espaço de manobra em um mundo globalizado do que os países menores. Enquanto isso os países menores ficaram economicamente vulneráveis, não somente em termos dos setores tradicionais, como a agricultura, mas também em relação a novos setores, como produção de vestuário e finanças externas. Assim, a periferia e a semiperiferia da América Latina estão se tornando cada vez mais diferenciadas. Aqueles espaços (seja na escala do Estado-nação, da região ou da cidade) que estão



ficando mais totalmente inseridos em uma economia global e em condições de alcançar um melhoramento sustentado na concorrência internacional parecem estar operando como novos polos de crescimento na América Latina. (KAY,2009, p.365)

Essa apresentação reforça a ideia apresentada por Santos (1999) e Castells (1998), mas principalmente a de Santos, o resultado do processo da globalização apresentada por Kay(2009) pode ser o entendido como o efeito da divisão do trabalho apresentado por Santos (1999). Porém não só esse aspecto é recuperado por Kay (2009) o autor também apresenta como a partir dos anos 1970, passa a se acelerar a dependência das formas de capital, e como essas distinguem as capacidades de ação dos Estados nacionais, a seguir,

Com um grande aumento na mobilidade de capital e sua disponibilidade na economia mundial desde os anos 1970, as economias dos países em desenvolvimento se tornaram cada vez mais dependentes do capital externo. Esse fato fez crescer grandemente sua exposição e vulnerabilidade às mudanças nos mercados mundiais de capital e reduziu substancialmente o seu espaço de manobra política. (KAY, 2009, p.368)

Com isso as forças de mercado ganham poder e passam a determinar a conduta dos Estados nacionais, caso o contrário, esse, está sujeito a retaliações por parte das instituições financeiras que podem retirar o capital dos países, dessa forma Kay(2009) se aproxima da visão de Castells (1998), sobre os Estado nacionais, quando eles, se tornam “reféns” das forças de mercado.

Para Brandão (2010) essas novas práticas, são reveladoras das condutas políticas em diferentes escalas o autor expõe, a forma como o objetivo de desenvolvimento dos Estados nacionais, são dependentes de uma série de outros vetores políticos, em especial os países periféricos como no acaso da América Latina. Assim o autor põe em jogo o entendimento da ação em escala nacional frente, aos processos mundiais

Apesar da força disruptiva do processo de mundialização do capital, a agenda investigativa deve continuar atenta ao papel constitutivo e decisivo da escala nacional: as disputas por hegemonia interestatais e interterritoriais e as hierarquias de Estado moedas e armas ainda moldam o mundo. Os estados são dominados pelos grandes interesses do poder financeiro e pela força de estruturas empresariais de porte; as propriedades e as fortunas mercantis, fundiárias e

imobiliárias, cada vez mais financeirizadas, continuam a ter papel central no funcionamento do sistema capitalista tanto em termos globais quanto nacionais (BRANDÃO, 2010, p.42)

Assim o autor entende que os processos de desenvolvimento nacional estão sujeitos a “transbordamento” dos seus efeitos além das fronteiras nacionais, esses transbordamentos articulam diferentes escalas amparados pelas forças de mercado. (BRANDÃO,2014) com isso vê-se a proximidade do que o autor apresenta, com a ideia de processos interescalares que aponta Vainer (2002).

Quando se traz essas abordagens para o caso do Estado do Rio de Janeiro, se torna evidente a relação entre os conceitos abordados por Lowy(1998) e Kay (2009), nos projetos industriais recentes no Estado. A política de inserção no mercado global, com a produção de bens primários, está por trás dos dois grandes projetos de criação de estrutura industrial no interior do estado, como o Comperj, localizado em Itaboraí, do setor petroquímico e o Complexo Portuário do Açú, localizado em São João da Barra.

Segundo Cruz, Terra e Almeida(2016) a análise desses projetos podem contribuir para o entendimento da participação das economias periféricas no processo de divisão internacional do trabalho, com isso expõe-se a dinâmica atual da reprodução do capital financeiro e as suas formas de circulação. Sendo assim, argumentam como as regiões podem assumir um papel de dependência e vulnerabilidade frente a uma produção que o seu controle extrapola limites locais, e até nacionais.

Para os autores o cenário globalizado determinado por políticas neoliberais, acentua a concentração de capitais, nos países centrais, tornando os países periféricos subordinados, além disso, nos países centrais se encontra uma indústria cada vez mais sofisticada, subordinando os países periféricos a suas políticas de investimento (CRUZ, TERRA e ALMEIDA, 2016).

Sendo assim, pode ser possível compreender a situação de desigualdades regionais e atual situação do Estado do Rio de Janeiro resgatando alguns aspectos trazidos pelos autores. Pelo fato do desenvolvimento ser como Latouche (1994) indica, uma construção de um padrão determinado pelos países do ocidente, os países tidos como menos desenvolvidos tentam se inserir em estruturas econômicas que não possuem a mesma “maturidade” para lidar com o avanço, tornando o desigual.



Por outro lado essa desigualdade surge no momento da troca entre os países como apresenta Marini, acentuando as desigualdades entre os países, “especializando” os países periféricos em produzir produtos primários de baixo valor agregado em troca de bens manufaturados. No Brasil, Brandão (2010) aponta como a estrutura de poder interna do país facilitou esse tipo de política com a elite determinando as políticas em prol de ganhos extraordinários para as classes.

Por fim, no caso do Rio de Janeiro se vê o engajamento dessas teorias em realidade com os grandes empreendimentos voltados a criação de infra estrutura, que garanta o fluxo de comercio global de produtos primários, servindo como demonstração da posição do país na divisão internacional do trabalho.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre o desenvolvimento apresenta diversas visões, com a inserção do conceito de globalização e um cenário econômico integrado mundialmente, inclui-se também outros temas na forma de planejamento do desenvolvimento. A perspectiva escalar, por exemplo, apresenta o “trasbordamento” dos efeitos da globalização no processo de Desenvolvimento, com isso, pensar o Desenvolvimento Regional, tende a se tornar uma tarefa de ir além das fronteiras de territórios, se faz necessário assumir uma análise que envolva as diferentes escalas, a interação entre elas, além de trazer à tona a relação no processo de divisão do trabalho. A pesquisa encontra-se em andamento é preciso apresentar os dados pertinentes a região tratada e as relações de reprodução econômica da região Norte Fluminense.

## 6 - REFERÊNCIAS

ARAUJO, Tânia Bacelar. **Tendências do Desenvolvimento Regional recente no Brasil.**In: Brandão e Siqueira (Orgs.). Pacto federativo, integração nacional e desenvolvimento regional. S. Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. P 39-51.



- BRANDÃO, Carlos Antônio. **Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista no Brasil contemporâneo**, in A. W. B. Almeida et al., *Capitalismo globalizado e recursos territoriais*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, p. 39-69.
- CASTELLS, Manuel. **Hacia el Estado Red? Globalizacion economica e instituciones politicas en la era de la información**. Ponencia presentada en el Seminario sobre “Sociedad y reforma del estado”, organizado por el Ministerio de Administracao Federal e Reforma Do Estado, República Federativa do Brasil. São Paulo, 26-28 marzo 1998.
- CRUZ, José Luís V.; Terra, Denise; Almeida, Érica. **(Des)integração periférica e espaços regionais globalizados**. XIV Seminário Internacional da Rede Iberoamericana de Pesquisadores em Globalização e Território. Monterrey/México, outubro 2016, 22p
- KAY, Cristóbal. **Teorias estruturalistas e teoria da dependência na era da globalização neoliberal**. In: SADER, Emir e SANTOS, Theotonio (Coord.). *A América Latina e os desafios da globalização: ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, BOITEMPO Editorial, p. 361-389.
- LATOUCHE, Sérgio. **A ocidentalização do mundo: Ensaio sobre o significado, o alcance e os limites da uniformização planetária**/ Serge Latouche: tradução de Celso Mauro Paciornik – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- LOWY, Michael. **A teoria do desenvolvimento desigual e combinado**. *Revista Actual Marx*, nº18. 1998
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo Razão e emoção**. São Paulo. Ed. Hucitec, 1999.
- SWYGEDOUW, Erik. **Neither Global nor Local. “Glocalization” and the Politics of Scale**. In: COX, Kevin *Spaces of Globalization: Reasserting the Power of the Local*. New York, London, Guilford Publications, 1997
- VAINER, Carlos B. **As escalas do poder e o poder das escalas: o que pode o poder local?** *Cadernos IPPUR/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1. jan./abr 2002.